

Sobe para seis óbitos pelas cheias em Cabo Delgado

Três crianças morreram em eventos relacionados com os ventos e chuvas fortes que assolam a Província de Cabo Delgado desde a semana passada e que já originaram seis óbitos, elevando para 21 o número de mortos em consequência directa da época chuvosa que iniciou em Outubro em Moçambique.

Texto: Redacção

Na sequência da queda da ponte sobre o rio Montepuêz um cidadão que tentou atravessar de uma margem para outra foi arrastado e acabou por perder a vida.

No Distrito de Metuge um pai com os seus dois filhos foram surpreendidos pelo mau tempo quando estavam numa canoa que foi arrastada pela água causando a morte por afogamento dos menores de idade

Uma outra criança caiu no poço onde o nível da água subiu devido as chuvas e acabou por falecer também no Distrito de Metuge.

Entretanto as chuvas não dão tréguas no Norte de Moçambique onde a Direcção Nacional de Gestão de Recursos Hídricos (DNGRH) registou, nas últimas 24 horas, na Bacia do rio Messalo em Meangalewa 89 milímetros (mm) e Marrupa 48,7mm; na Bacia do rio Montepuêz em Chipembe 40 mm; na Bacia do rio Megaruma em Megaruma 30,5mm e na Bacia do rio Rovuma em Msawize 54,5mm e Mavago 47mm.

"Na região Norte do país, as bacias do Messalo em Nairoto, Montepuêz em Moja e Megaruma em Megaruma, continuam a registar volumes altos de escoamento, mantendo-se em alerta devido a persistência da chuva na região. Continua interrompida a circulação rodoviária entre os postos Administrativos de Mirate-Nairoto devido ao galgamento da ponte, encontra-se inundada a aldeia Meangalewa e o bairro Maputo, na bacia do Messalo. Interrompida a circulação rodoviária entre Ancuabe -Quissanga, devido ao desabamento da ponte sobre o rio Montepuêz na EN380, na bacia de Montepuêz em Moja", indica a DNGRH.

Moçambicanos devem ser donos dos deputados e do processo político em Moçambique



Numa altura em que Moçambique se prepara para mergulhar ainda mais no capitalismo, com o início da exploração do gás e petróleo existente na Bacia do Rovuma, o Professor Carlos Nuno Castel-Branco alerta: "o capitalismo está a ficar cada vez mais um sistema inútil de um ponto de vista de resolver os problemas da sociedade e perigoso do ponto de vista da instabilidade e problemas que traz". Um dos "apóstolos da desgraça", que previu a crise económica e financeira que enfrentamos desde 2016, desafia os moçambicanos a serem "donos dos deputados, temos que ser donos do processo político e isso para mim é socialismo".

Texto: Adérito Caldeira [continua Pag. 02](#)

Presidente Nyusi perspectiva 2020 de "melhoria nas nossas condições e qualidade de vida"

O Presidente Filipe Nyusi perspectiva que 2020 "seja um ano de muita paz, tranquilidade, realizações concorrentes à melhoria nas nossas condições e qualidade de vida" dos moçambicanos.

Texto: Redacção

O Chefe de Estado iniciou a sua mensagem alusiva ao fim de ano recordando "os diferentes momentos, eventos, realizações, constrangimentos e desafios que marcaram os 12 meses transcorridos. Foram momentos de muita entrega e dedicação, com resiliência enfrentamos os desafios rumo ao desenvolvimento que almejamos".

"Agora é momento de, por alguns instantes, deixarmos tudo para trás e incidirmos naquilo que pretendemos e perspectivamos para o novo ano de 2020. Infelizmente, como nação, fazemos esta transição num contexto de muita dor decorrente

da violência injustificada, perpetrada por indivíduos contrários ao nosso progresso, na zona Norte - em Cabo Delgado e na zona Centro" apelou Nyusi sem esquecer do impacto adverso das Calamidades Naturais que alertou exigirem "um tratamento, cada vez mais sério das questões relativas às mudanças climáticas".

Desejando um feliz Ano Novo Filipe Nyusi perspectivou que 2020, ano em que inicia um novo mandato com Presidente de Moçambique,



"seja um ano de muita paz, tranquilidade, realizações concorrentes à melhoria nas nossas condições e qualidade de vida".

Diga-nos quem é o XICONHOCA da semana

Escreva um E-Mail para averdademz@gmail.com

CREDELEC

A verdade em cada palavra.

Envia dinheiro, Paga água e TV, Compra CREDELEC, e muito mais

DIGITA *898#

É rápido, seguro e conveniente

→ continuação Pag. 01 - Moçambicanos devem ser donos dos deputados e do processo político em Moçambique

Durante a Conferência que o Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) organizou em Setembro passado na Cidade de Maputo o economista moçambicano sugeriu que a sua solução para Moçambique sair da pobreza e caminhar rumo ao desenvolvimento: “é a supressão do capitalismo, a minha solução é o socialismo”.

“Nós tivemos uma má experiência com o socialismo, ou com aquilo a que nós chamamos de socialismo, não há dúvida que a experiência foi má e a resposta que estamos a dar é vamos procurar um bom capitalismo. Há 35 anos que andamos a procura, ora é porque não temos boa governação, ou não temos transparência, a economia mundial foi destruída por quem, por nós? Foi por esses que andam a falar-nos de boa governação e transparência que fizeram essas coisas. Falam que o Estado havia capturado, o Estado deles serve ao capital financeiro”, começou por explicar Castel-Branco em entrevista ao @Verdade onde indicou “Nos Estado Unidos os mercados financeiros é que são o ponto de referência, no caso britânico, grego, italiano, etc os mercados financeiros é que dominam a política economia. Isso não é Estado capturado? É transparente, duvido!”

O Professor não vê “maneira de salvar o capitalismo, isto não só uma questão de Moçambique é uma questão global. Uma boa parte da teoria económica, sobretudo os federalistas, keynesiana, esta esquerda cor de rosa europeia, está focada em maneiras de estabilizar o capitalismo, mas o sistema capitalista não é estilizável. Grandes pensadores da economia clássica, anterior a Marx já tinham apontado esse problema”.

“Para David Ricardo a instabilidade do capitalismo era inerente ao próprio sistema. Marx criticou Ricardo e teorizou mais profundamente, mas não é só um problema dos comunistas

que pensam assim ou os socialistas pensam assim, de facto na economia política clássica o capitalismo não é estabilizável. Adam Smith tinha a expectativa de poder ser estabilizado se as pessoas se comportassem bem”, assinalou.

“Não existe um capitalismo honesto, transparente e com boa governação”

Na óptica do economista moçambicano: “Se o capitalismo não pode ser estabilizado e as suas crises estão a aumentar de frequência, estão a aumentar de intensidade, está a ficar menos produtivo. O número de bolhas económicas aumentou 10 vezes nos últimos 40 anos, comparativamente aos períodos anteriores. A produtividade do trabalho aumentou nove vezes mais depressa do que os salários, portanto há um grande fosso. Se a produtividade do trabalho está a aumentar muito mais depressa que os salários significa que a distribuição de rendimentos está a ficar ainda mais desigual e temos enormes concentrações de riqueza”.

“A riqueza (que o 1 por cento acumula é tão grande que já não faz sentido pô-la na economia, então estão a fazer especulação financeira. A financeirização é também uma maneira de fazer aplicações lucrativas mas não produtivas desse dinheiro todo. Mas há outros que estão a pensar no turismo espacial, etc, quais são os problemas que isso resolve num planeta que está a morrer com Mudanças Climáticas, onde metade da população não tem acesso à água, o que se está mesmo a resolver”, questionou o académico.

Carlos Nuno Castel-Branco não tem dúvida que “o capitalismo está a ficar cada vez mais um sistema inútil de um ponto de vista de resolver os problemas da sociedade e perigoso do ponto de vista da instabilidade e problemas que traz, este é um



problema que é bom alertar (...) O capitalismo não é uma saída, não só em Moçambique mas globalmente, não existe um capitalismo honesto, transparente, com boa governação, etc, se olharmos na óptica do desenvolvimento da sociedade de uma forma ampla, de protecção do ambiente ou melhoria das condições de vida das pessoas”.

“Neste momento estamos a dizer que a Frelimo não faz, a Renamo não faz, o MDM não faz, prometem não fazem, porque não vou eu (cidadão) fazer. Porque não me articulo às forças sociais e políticas necessárias para sermos nós a fazer”, questionou o coordenador científico do Grupo de Investigação de Economia e Desenvolvimento do IESE.

O Professor lembrou que “o colonialismo não ia dar a independência, não ia dar dignidade, não ia acabar com a segregação, não ia dar igualdade, portanto confiar naquelas instituições políticas como a solução dos nossos problemas seria ingénuo. O que se fez, organizaram-se movimentos de libertação mas já existiam movimentos críticos, literários, greves, organizações clandestinas de educação cultural e de mobilização. Todas essas manifestações de rebelião estruturaram-se num movimento de Libertação que libertou, no sentido da tirar o Estado colonial e

substituir por outro”.

“Não só socializar os custos e privatizar os benefícios, mas ter controle sobre os processos políticos e socializar os benefícios”

Castel-Branco desafiou os moçambicanos: “Temos que assumir o processo político como nosso, foi o que eles fizeram (antes da independência). Nós somos não só os objecto e o fim desse processo político, mas somos os sujeitos desse processo político, nós criamos as dinâmicas políticas necessárias para atingir determinados objetivos. É evidente que não há uma homogeneidade de objectivos, há-de haver diferentes grupos a tentar fazer diferentes coisas, uns vão gostar de capitalismo, outros vão gostar de socialismo e outros vão gostar de outras coisas, mas o ponto é assumirmos essa responsabilidade”.

O académico explicou ao @Verdade que “o nosso processo político está capturado pelo sistema financeiro” exemplificando como as petrolíferas escolheram ainda no início de 2019 que candidato e partido político apoiar nas Eleições Gerais de 15 de Outubro e por isso “as decisões de investimento na verdade são decisões que o investimento será feito que criam, por um lado, a

impressão que nós estamos em recuperação o que pode ajudar a atrair o pequeno e médio capital para pequenas e médias empresas, ajudando a estabilizar a situação económica e fortalecer a posição do Presidente Filipe Nyusi e do partido Frelimo”.

“Para mim o Estado moçambicano está capturado pelo capital financeiro (estrangeiro) e se nós queremos que o sistema político seja mais democrático e mais favorável ao desenvolvimento amplo, com benefícios amplos, nós temos que nos apropriar dele, porque senão nunca seremos donos dos resultados”, reiterou o Professor Castel-Branco que foi avisando que será fácil e levará tempo, afina “nós levamos 500 anos para criar um movimento de Libertação para nos libertarmos do capitalismo, mas existiu sempre a resistência que levou tempo até tornar-se suficientemente forte para ser influente à escala que tem de ser influente. Mas se a gente nunca começa porque vai levar tempo, nunca vai levar tempo porque nunca vai acontecer”.

Carlos Nuno Castel-Branco clarificou ainda “para nós sermos donos dos deputados, temos que ser donos do processo político e isso para mim é socialismo. É o processo de socializar os processos, não só socializar os custos e privatizar os benefícios, mas ter controle sobre os processos políticos e socializar os benefícios”.

“Assumir a responsabilidade e usa-la para apropriarmos-nos do processo político e do processo económico em benefício do desenvolvimento nacional. Isto não é nacionalismo, não estou a dizer fechar fronteiras e ficarmos fechados entre nós, o mundo é amplo e nós temos a ganhar com isso. Mas uma coisa é termos a ganhar com isso e a outra é sermos varridos por isso, nós não contamos, o que contam são os buracos no chão de onde sai gás”, concluiu o economista moçambicano.

Presidente da Renamo espera que Moçambique “viva em Paz e reconciliado” em 2020

O presidente do partido Renamo, Ossufo Momade, disse nesta segunda-feira (30) ter consciência “que muitas famílias não têm nada para festejar nesta quadra festiva”, mas endereça “a todos os moçambicanos votos de boas festas, próspero ano novo e esperamos que em 2020 o País viva em Paz e reconciliado”.

Texto: Redação

Falando em conferência de imprensa em Maputo Momade fez uma resenha dos acontecimentos mais marcantes do ano de 2019 começando por recordar os ciclones Idai e Kenneth: “estes tristes acontecimentos demonstraram a solidariedade de todos os moçambicanos que despedidos de qualquer côr partidária, deram o seu apoio incondicional e generoso aos concidadãos afectados. Por outro, sentimos a mão carinhosa da comunidade internacional que sem medir esforços e meios esteve connosco para minimizar o sofrimento do nosso Povo”.

O líder do maior partido de oposição lembrou do Acordo de Paz, da visita do Papa Francisco, distanciou o seu partido dos ataques armados no Centro de Moçambique e questionou a “apatia” das mesmas Forças de Defesa e Segurança em conter a insurgência na Província de Cabo Delgado, “quando são chamadas para violentar o Povo são muito fortes,

quando são chamadas para reprimir uma simples manifestação pacífica de cidadãos indefesos mostram-se altamente preparadas e matam sem dó nem piedade”.

Ossufo Momade não assumiu como sua derrota pessoal os resultados das Eleições Gerais e Províncias de 15 de Outubro tendo reiterado a rejeição da vitória do partido Frelimo e dos seus candidatos.

“Perante factos que concorreram negativamente para que as eleições não fossem livres, justas e transparentes, os moçambicanos e a Renamo não aceitamos esta fantochada eleitoral que representa um duro golpe aos princí-



pios básicos da democracia e ao direito dos cidadãos de votar e ser eleito. Deste modo, reiteramos o mandato popular de liderar manifestações à nível nacional, com o fim de repôr a verdade eleitoral”, afirmou.

O presidente da Renamo assinalou a falta de vontade política do partido Frelimo esclarecer o alegado recebimento de subornos pela formação política que governa Moçambique assim como pelos seus presidentes e aproveitou a conferência de imprensa para apresentar condolências às famílias enlutadas pelas chuvas e ventos fortes que fustigaram o Norte do país.

“Apesar do mar de dificuldades que caracterizaram o ano 2019, encorajamos o nosso Povo a continuar com a marcha para o desenvolvimento, a continuar a confiar neste Partido, a Renamo, que tem defendido aos desprotegidos e o bem comum”, afirmou ainda Momade que concluiu declarando “Sabemos que muitas famílias não têm nada para festejar nesta quadra festiva, mesmo assim, endereçamos a todos os moçambicanos votos de boas festas, próspero ano novo e esperamos que em 2020 o País viva em Paz e reconciliado”.

Ossufo Momade acusa partido Frelimo de apadrinhar “surgimento dos ataques armados” no Centro de Moçambique

Ossufo Momade distanciou o partido Renamo dos ataques que causaram a morte de pelo menos três dezenas de civis no Centro de Moçambique e disse que partido Frelimo “acarinhou e apadrinhou o surgimento dos ataques armados”. Na sequência da emboscada de um autocarro de passageiros na semana passada, onde terão morrido pelo menos dez pessoas, as autoridades reintroduziram escolta militar entre as províncias de Manica e de Sofala.

Falando em conferência de imprensa nesta segunda-feira (30), na Cidade de Maputo, o presidente do maior partido de oposição começou por afirmar que “a ocorrência de ataques armados à civis e destruição de bens nas províncias de Manica e Sofala constitui a nossa maior preocupação porque põem em causa a Paz e a Reconciliação Nacional, o nosso objectivo social e compromisso”.

“De forma desesperada os vários porta-vozes da Polícia da República de Moçambique, o seu Comandante-Geral, o ministro do Interior e o ministro da Defesa Nacional têm associado publicamente os ataques à Renamo, esquecendo-se que foi o Regime da Frelimo que acarinhou e apadrinhou o surgimento dos ataques armados naquelas províncias, com o objectivo de desestabilizar a Renamo durante a campanha eleitoral”.

Momade assinalou ainda que “o Regime aplaudiu quando o cabecilha dos atacantes disse publicamente que quer assassinar o presidente da Renamo, facto curioso é que este pronunciamento não mereceu condenação de ninguém, incluindo a nossa Sociedade Civil”.

Desde Agosto passado que num troço de menos de 100 quilómetros da Estrada Nacional nº1, única via rodoviária entre o Sul e o Centro/Norte



Texto: Adérito Caldeira

de Moçambique, têm sido registados ataques armados a viaturas civis e militares reivindicados por militares dissidentes do partido Renamo liderados por um auto-proclamado general Mariano Nhongo.

Até a semana finda 21 civis tinham sido mortos na região. Na passada terça-feira (24) pelo menos dez pessoas terão morrido carbonizadas quando o autocarro de passageiros onde viajavam foi atacado por desconhecidos.

Nhongo, líder dos dissidentes que criaram uma Junta Militar da Renamo em Agosto, ameaçou publicamente atacar e incendiar viaturas que pas-

sarem pelo Centro de Moçambique caso Filipe Nyusi tome posse para um 2º mandato como Presidente da República para o qual foi reeleito nas Eleições Gerais de 15 de Outubro.

Relativamente ao processo de desarmamento dos seus guerrilheiros que deveria ter ficado concluído antes das Eleições Gerais, e é parte fundamental do Acordo de Paz rubricado a 6 de Agosto com o Governo, o líder do partido Renamo esclareceu que nada está parado, “que as Forças residuais da Renamo aguardam serenamente nas bases e sob comando do seu Estado Maior General, o desfecho do processo de Desmobilização, Desarmamento e Reintegração”.

Seis fins de semana prolongados em Moçambique durante 2020

Na ressaca da passagem de ano, e do primeiro feriado a 1 de Janeiro, o @Verdade antecipa os feriados do Ano Novo, aqueles que poderão propiciar fins de semana prolongados e pontes em 2020.

Texto: Adérito Caldeira

O Dia dos Heróis moçambicanos, na segunda-feira 3 de Fevereiro, será o primeiro fim-de-semana prolongado no nosso país.

Terça-feira 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana, será um feriado que, para quem puder se preparar e organizar-se, talvez consiga transformá-lo numa ponte com o fim-de-semana anterior.

O Dia Internacional dos Trabalhadores, na sexta-feira 1 de Maio, proporcionará o segundo fim-de-semana prolongado em Moçambique.

A celebração do Dia da Independência Nacional na quinta-feira 25 de Junho poderá ser usado, para os mais organizados e preparados, como uma ponte para o fim-de-semana seguinte.

O Dia da Vitória sobre o colonialismo, 7 de Setembro, vai ser a terceiro fim-de-semana prolongado no nosso país pois acontecerá numa segunda-feira.

No mês de Setembro haverá ainda um outro fim-de-semana prolongado entre 25, o Dia das Forças Armadas, e o dia 27.

O Dia da Paz e da Reconciliação 4 de Outubro será o quinto fim-de-semana prolongado de 2020, pois coincide com um domingo e a suspensão laboral passa para segunda-feira 5 de Outubro.

A última ponte deste ano vai acontecer na Celebração do Dia da Família que acontecerá na sexta-feira 25 de Dezembro.

Além dos feriados o @Verdade destaca algumas das tolerâncias de ponto previstas para 2020 como o dia 15 de Janeiro, para a tomada de posse de Filipe Nyusi como Presidente de Moçambique, e as celebrações da Sexta-feira Santa, a 10 de Abril, e do Eid al-Adha, previsto para 31 de Julho.

Banco central acirra luta contra dolarização da economia em Moçambique

O banco central fechou o ano de 2019 acirrando a sua luta contra a dolarização da nossa economia, pela quinta vez reviu a Lei Cambial desta vez tendo a vista a redução das divisas que resultará da interrupção de produção de carvão pela Vale e antecipando o aumento do fluxo de moeda estrangeira de/para os projectos de gás natural da Eni, Total e ExxonMobil.

Texto: Adérito Caldeira

A abertura de conta bancária em divisas para os residentes no nosso país que desde 2017 passou a estar sujeita a autorização do Banco de Moçambique (BM) foi alargada, desde o fim do ano de 2019, para os “residentes no país ou no estrangeiros” tendo sido incluída a necessidade de apresentação “de documentos que justifiquem” os pedidos de abertura de conta em moeda estrangeira.

As “Fontes de alimentação” das contas divisas foram e foram alteradas algumas das condições para a movimentação de conta específica aberta por um exportador ou importador em Moçambique.

A movimentação a débito de contas em moeda estrangeira, em transacções dentro de Moçambique, independentemente da sua fonte de alimentação ou de meio de movimentação passou a ser “feita mediante conversão para moeda nacional”, salvo algumas excepções previstas pelo BM.

Sofreram mudanças os procedimentos para a movimentação a crédito de conta em divisas nas transacções no nosso país e o movimento a débito



de contas em operações no exterior.

O Governador do banco central, Rogério Zandamela, disse no discurso de fim do ano que o regime de câmbio flexível é para continuar no entanto deixou claro que “iremos consolidar as reformas no mercado cambial, de modo a que a taxa de

câmbio reflecta a procura e oferta de divisas no mercado doméstico”.

“Ao nível dos mercados interbancários, após termos suspenso, temporariamente, as operações com recurso a taxas de câmbio a prazo nas operações de compra e venda de moeda estrangeira, iremos reabrir o

segmento de mercado de produtos derivados, introduzindo legislação apropriada e em linha com as experiências internacionais recolhidas, de modo a permitir a cobertura de riscos de mercado, em particular o cambial, por parte dos bancos e demais intervenientes nas operações cambiais”, explicou Zandamela.

Mas embora o Aviso 11/GBM/2019 ressalve que estas alterações cambiais, pela quinta vez desde que a nova lei entrou em vigor em 2017, cambiais não se aplicam aos megaprojectos do carvão, gás natural e petróleo, que gozam de um regime cambial especial, o @Verdade sabe que estas revisões do BM tem em vista travar a desvalorização do metical, que chegou a ser transaccionado a 64 por cada dólar durante o mês de Dezembro, e a dolarização da economia.

Além disso o @Verdade apurou que estas decisões visam atenuar o impacto da redução das receitas das exportações que estão em queda desde que a produção de carvão mineral entrou em queda e deverá acentuar-se durante o 1º semestre de 2020 com a interrupção de 3 meses que a Vale irá realizar nas suas minas em Tete.

Bless foi o primeiro bebé em Maputo mas outros 3.300 nasceram em Moçambique

Chama-se Bless, nasceu de parto normal as 00h10 e foi primeiro bebé nascido no Hospital Central de Maputo em 2020, porém em Moçambique terão nascidos pelo menos mais 3.300 outras crianças no Dia do Ano Novo e não terão tido "a sorte de receber os cuidados de parteiras ou enfermeiras treinadas e equipadas, o que leva a situações dramáticas", assinalou a Directora Executiva do UNICEF, Henrietta Fore.

Texto: Redacção

Foi um dos cinco partos na maior unidade sanitária de Moçambique e a primeira "sorte" do casal Nhancale. "Sinto-me muito privilegiada, agradeço muito a Deus por ter tido o bebé em condições de saúde muito agradáveis" disse a jornalista a jovem mãe Jéssica.



durante e após o nascimento.

Entretanto o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) estimou que no Dia do Ano Novo nasceram cerca de 3.300 bebés em Moçambique. Ao contrário de Jéssica Nhancale, "Muitas mães e recém-nascidos não têm a sorte de receber os cuidados de parteiras ou enfermeiras treinadas e equipadas, o que leva a situações dramáticas", assinalou Henrietta Fore que acrescentou em comunicado "Milhões de bebés poderiam sobreviver ao primeiro dia de vida e crescer durante essa década e além, se todos eles tivessem nascido em mãos especializadas".

Por isso o UNICEF pede investimento imediato em treinamento e equipamento dos profissionais de saúde para cuidar de todas as mães e bebés recém-nascidos como parte de sua campanha, «Para todas as crianças, uma chance de viver» por mãos especializadas que são capazes de prevenir e tratar complicações antes,

O Representante do UNICEF em Moçambique, Marcoluigi Corsi, apelou para que "neste Dia do Ano Novo, tomemos a decisão de tornar realidade todos os direitos de cada criança, começando pelo direito à sobrevivência".

"Podemos salvar milhões de bebés se investirmos na capacitação e dotarmos de meios aos trabalhadores de saúde para que o nascimento de cada recém-nascido esteja em boas mãos. Renovemos os nossos esforços para dar a cada bebé que nasce este ano em Moçambique, uma oportunidade de sobreviver, de rir, de chorar, de brincar, de crescer, de ter um nome e de viver plenamente o seu potencial" disse ainda Marco-

luigi Corsi em comunicado.

De acordo com o UNICEF 392.078 bebés terão nascido no Dia do Ano Novo em todo o mundo, mais de metade desses nascimentos terão ocorrido na Índia, China, Nigéria, Paquistão, Indonésia, Estados Unidos da América, República Democrática do Congo e na Etiópia.

No entanto o Fundo das Nações Unidas para a Infância recorda que em 2018, "2,5 milhões de bebés morreram durante o primeiro mês de vida, um terço deles no dia do nascimento. Destas crianças, a maioria morreu de causas evitáveis, como o nascimento prematuro, as complicações durante o parto ou infecções como sépsis. Além desses números, mais de 2,5 milhões de bebés nascem sem vida a cada ano".

Editor do jornal Canal de Moçambique escapa de sequestro

O jornalista e editor do jornal Canal de Moçambique escapou de sequestro no início da tarde desta terça-feira (31) em plena Cidade de Maputo. Matias Guente resistiu a três homens armados mas foi espancado brutalmente.

Texto: Redacção



Guente encontrava-se nos seus afazeres, no bairro do Alto-Maé, quando indivíduos não identificados e munidos de armas de fogo e tacos de baseball e golfe o tentaram obriga-lo à força a entrar para a viatura em que se faziam transportar. Na luta que se seguiu o jornalista sofreu algumas escoriações, tendo sido levado para uma clínica privada para receber tratamentos.

Em comunicado o MISA-Moçambique "deplora e condena veementemente a tentativa de rapto do jornalista Matias Guente" que enquadra "na sequência de outros actos de agressão ou de assassinato contra jornalistas ou dirigentes da sociedade civil, o que representa uma afronta à liberdade de expressão e à liberdade de imprensa, e em última instância à própria Constituição da República de Moçambique"

"O MISA-Moçambique apela mais uma vez às autoridades policiais, à Procuradoria-Geral da República e aos demais órgãos de administração da justiça para que investiguem este caso e que tomem as medidas apropriadas contra os agressores. Ao governo, o MISA-Moçambique apela para que sejam tomadas medidas concretas visando pôr fim à impunidade de que têm gozado indivíduos envolvidos em crimes que atentam contra as liberdades fundamentais dos cidadãos", acrescenta a instituição.

Sete mortos e dezenas de feridos em acidentes de viação em Gaza e Inhambane

Pelo menos sete cidadãos perderam a vida e 36 contraíram ferimentos em dois acidente de viação ocorridos nos últimos dias nas províncias de Gaza e de Inhambane, no Sul de Moçambique.

Texto: Redacção

No domingo (29) uma viatura em alta velocidade transportando crentes de uma seita religiosa despistou-se na Estrada Nacional nº 1, na região de Massiene, no Distrito de Chongoene, na Província de Gaza, cuspindo os ocupantes da caixa aberta. Duas pessoas morreram no local e 32 foram atendidas no Hospital Provincial de Xai-Xai, sete dos feridos estão em estado grave.

Na madrugada desta segunda-feira (30), também na Estrada Nacional nº 1, porém no Distrito de Massinga, na Província de Inhambane, uma carrinha cabine dupla colidiu frontalmente com um camião causando a morte de cinco dos seus ocupantes.

De acordo com a Polícia da República de Moçambique (PRM) a viatura ligeira circulava em "zig-zags" e o camião tentou sem sucesso evitar o sinistro que causou ainda ferimentos graves a quatro outros ocupantes da carrinha.

A PRM revelou que em outros acidentes de viação registados durante a semana finda mais três pessoas morreram na Província de Inhambane.

ANUNCIE AQUI
todos os dias

Contacta os nossos serviços comerciais pelo e-mail
averdademz@gmail.com



O Jornal mais lido em Moçambique.

Ficha Técnica

NAMPULA - Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel+258 84 39 98 635

MAPUTO - Avenida Mao Tse Tung 479
Telemóvel+258 86 45 03 076

E-mail: averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.

Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Director Gráfico: Nuno Teixeira; Periodicidade: Diário.